



**IDEOLOGIA E PROPAGANDA: A EDUCAÇÃO COMO RESISTÊNCIA À
MENTIRA ORGANIZADA A PARTIR DO PENSAMENTO DE HANNAH ARENDT**

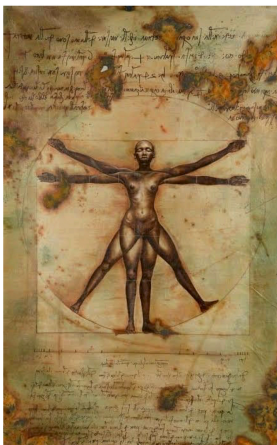
Este artigo traça uma possível repercussão das concepções de ideologia e propaganda sobre a educação a partir do pensamento de Hannah Arendt. Arendt, pensadora judia, testemunhou tempos sombrios do regime totalitário na Alemanha em meados do século XX. A ideologia e a propaganda do regime totalitário objetivaram destruir o passado, a realidade e a política. Fundamenta-se em parte da obra “Origens do totalitarismo” (2016) da autora e no romance “1984” de George Orwell, para chamar à atenção que, mesmo findo os regimes totalitários, os riscos da manipulação da realidade e da história ainda espreitam a vida política contemporânea. Conclui-se que a educação, na perspectiva arendtiana, enquanto responsabilidade de introduzir as crianças e os jovens em uma herança cultural e histórica de um mundo comum, se constitui como uma forma de resistência à ideologia e à propaganda de natureza totalitária.

Palavras-chave

Ideologia e propaganda; Educação; Hannah Arendt

Carlos Eduardo Gomes Nascimento

carlos_gomes02@hotmail.com • <https://orcid.org/0000-0001-8349-3493>



INTRODUÇÃO

“Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado” escreveu George Orwell (2009) no romance *1984*, que expõe a aniquilação humana pelo poder de um Estado despótico, Oceânia. Esse Estado, imaginado por Orwell, possuía um ministério suntuosamente construído em estrutura piramidal de concreto branco cintilante, que se erguia terraço após terraço, trezentos metros espaço acima do chão e continha três mil salas no nível do solo e ramificações equivalentes abaixo. Tratava-se do Ministério da Verdade, responsável pelo controle das notícias, educação, entretenimento e belas-artes, nele via-se em letras elegantes os slogans do Estado: “Guerra é Paz, Liberdade é Escravidão, Ignorância é Força”. Sob o olhar virtual e onipresente do Big Brother, o poder do Estado inflige aos indivíduos a eterna vigilância dos indivíduos.

Na Oceânia de *1984*, a ideia de verdade e qualquer um julgamento objetivo sobre da realidade dos fatos, são completamente abolidas, assim como a linguagem é suprimida por uma nova língua, a *Novafala*. O falseamento deliberado da realidade organiza-se na manipulação da verdade dos fatos, no controle da vida, da linguagem e das mentes das pessoas. Assim quando tudo o que é humano — a história, a individualidade, a liberdade, a convivência com os outros, a verdade dos fatos e a felicidade, se esmaece na névoa não sobra nada do mundo comum. O falseamento da realidade pela mentira é um elemento fundamental para esse Estado manter as estruturas de uma sociedade da desesperança, do vazio histórico, da crueldade e da violência sobre os indivíduos.

A narrativa do romance “1984” de George Orwell e da análise filosófica, política e histórica de Hannah Arendt em “Origens do totalitarismo” (2016) trazem uma compreensão do poder de regimes autocráticos e totalitários que alçaram o poder no século XX. “1984” e “Origens do totalitarismo” convergem no testemunho literário e histórico de Orwell e de Arendt, que vivenciaram momentos de terror dos regimes totalitários. Orwell como combatente voluntário na Guerra Civil Espanhola (1938) e Arendt na fuga do regime nazista que perseguia pessoas de origem judaica. Essa convergência entre uma narrativa ficcional e uma análise histórica-política expõe como foi possível o surgimento de movimentos de natureza totalitária no mundo, as consequências e a devastação que infligiram nos seres humanos. Os dois autores, apesar das diferenças,

abordam o controle dos seres humanos, a destruição da vida pública, da capacidade política e, também, da vida privada pela mentira que se organiza e instrumentaliza pela propaganda e pela ideologia.

Sob a análise de Hannah Arendt, a propaganda de massa e a ideologia surgem com os regimes totalitários no século XX, constituindo ainda hoje perigo ao espaço democrático moderno e à educação. Atualmente, a difusão de ideologias novos instrumentos da propaganda de massa, como, por exemplo, as *fake news*, que afetam as relações interpessoais e a maneira como cada pessoa compreende a realidade. Trata-se da desinformação intencionalmente produzida como modo de apresentar-se como verdade sobre os fatos, história, ciência e acontecimentos cotidianos. A partir dessa ideia, o texto discute presença da ideologia e propaganda de natureza totalitária na constituição da mentira organizada, a fraude deliberada sobre o conhecimento, a história, a ciência e as artes, organizou-se para assumir o caráter de verdade, fato que reverbera na educação.

Segundo a pensadora Hannah Arendt (2011), a educação é o acolhimento de novos seres humanos, as crianças e os jovens, na herança de um mundo comum. As crianças e os jovens são como recém-chegados em um território estranho, permeado de cultura, histórias e saberes. Cada criança e jovem tem consigo uma potencialidade única, para pensar e agir com os outros no mundo humano. Assim também, todo novo educando é portador de uma novidade singular, uma capacidade de construir o mundo e de transformá-lo, mas, para tanto, as crianças e os jovens devem ser acolhidos por uma geração mais velha que lhes apresenta o mundo.

Assim, através do pensamento de Hannah Arendt, a educação se constitui como um espaço de mediação e cuidado entre as gerações, em que a mais antiga tem a responsabilidade de introduzir as crianças e os jovens, os novos, no mundo comum. Ante a concepção de educação, Arendt aponta para comprometimento e responsabilidade dos educadores, mesmo em tempos sombrios, em contar histórias e experiências de gerações passadas do mundo, revelando um legado de conhecimento às novas gerações.

A educação passa pelo reconhecimento de que todos os seres humanos possuem o direito de pertencer ao “espaço-entre” (ARENDR, 2017), o mundo humano plural. Para realizar sua tarefa, a educação deve acolher a singularidade presente em cada nova criança, que aqui aporta semelhante a um estrangeiro, cuja introdução ao mundo humano permite que se sinta herdeira do espaço de convivência comum. É assim que a educação proporciona o sentimento de pertença ao mundo, permitindo que as crianças e jovens se

sintam em casa.

Conclui-se que a educação é uma forma de resistência à mentira, ao estabelecer um sentimento de pertencimento que cada nova geração pode criar com o mundo comum. Por meio da educação os novos, crianças e jovens, são apresentados a um legado diverso de culturas e histórias concebidos por gerações anteriores. Nesse sentido, a educação estabelece vínculos entre as diversas gerações na temporalidade histórica de um mundo comum. Frente aos eventos do poder que põe em risco a liberdade e a novidade no mundo comum, a educação se tornou objeto do insidioso ataque da mentira organizada, hoje, canalizadas principalmente por *fake news*. Assim, a educação ao lidar com a história, com a verdade fatural e racional e com as narrativas sobre as palavras e atos humanos pode vir a criar condições para a resistência e o combate à mentira organizada. Com isso, ao dizer os fatos e ao narrar experiências dos feitos e ações humanas, a educação opõe-se à ideologia e propaganda de natureza totalitária e à mentira organizada, enquanto um ato político.

1. PROPAGANDA E IDEOLOGIA DE NATUREZA TOTALITÁRIA

Tanto Hannah Arendt, quanto George Orwell, em obras como “Origens do totalitarismo” (2016) e no romance “1984”, parecem chamar à atenção que, mesmo com o fim das grandes guerras e da tentativa de destruição da política pelos regimes totalitários, os riscos da manipulação da realidade e da história continuaram a espreitar a vida política contemporânea. Assim sob o domínio das radicais vivências da política do século XX, os dois autores, cada um ao seu modo, expressaram a experiência humana da solidão e da possível perda com o passado e a história. Para Arendt (2016, p. 527), a solidão é “uma das mais radicais e desesperadas experiências que o homem pode ter”. Em Orwell (2009, p. 33), entre lapsos de memória, o solitário personagem Winston Smith, um funcionário do Ministério da Verdade, luta para resgatar a própria lembrança sobre sua própria vida e sobre os fatos em um mundo sem passado. Essa é a luta do herói para compreender a realidade e o tempo definido como uma era da solidão:

Era um fantasma solitário afirmando uma verdade de que ninguém jamais ouviria falar. Só que, enquanto a afirmasse, de alguma maneira obscura a continuidade não se romperia. Não era fazendo-se ouvir, mas mantendo a sanidade mental que a pessoa transmitia sua herança humana. Voltou para a mesa,

molhou a pena da caneta e escreveu: *Ao futuro ou ao passado, a um tempo em que o pensamento seja livre, em que os homens sejam diferentes uns dos outros, em que não vivam sós — a um tempo em que a verdade exista e em que o que for feito não possa ser desfeito: Da era da uniformidade, da era da solidão, da era do Grande Irmão, da era do duplipensamento — saudações!* (ORWELL, 2009, p. 33).

A propaganda e a ideologia são elementos presentes na obra dos dois autores sobre o controle das massas pela manipulação da verdade e pela produção organizada da mentira. Arendt realiza uma análise sobre a propaganda totalitária em “Origens do totalitarismo” (2016), demonstrando que “o verdadeiro objetivo da propaganda totalitária não é a persuasão, mas a organização” (ARENDR, 2016, p. 411). A autora analisa que a comunicação de massa adentrou o espaço político por meio da propaganda e produziu uma estrutura organizada de falseamento da realidade.

Tal fato testemunhado por Arendt e Orwell durante o período histórico da ascensão totalitária é um alerta contra qualquer forma de dominação sobre a vida pública e privada, que possa ainda hoje surgir no mundo. Essa relação entre os elementos de natureza totalitária (discurso de ódio, uso das tecnologias como práticas de vigilância, controle e censura e a recusa da distinção entre verdade e mentira) e a propaganda de massa com técnicas publicitárias consolidou o estado totalitário. O poder totalitário alastrou a propaganda ideológica pelo controle das ideias e do pensamento, como, por exemplo, o ódio aos judeus na Alemanha nazista fazendo uso do cientificismo, fraudando dados, números e pesquisas científicas produzidas com finalidade de influenciar as pessoas,

A forte ênfase que a propaganda totalitária dá à natureza “científica” das suas afirmações tem sido comparada a certas técnicas publicitárias igualmente dirigidas às massas. De fato, os anúncios mostram o “cientificismo” com que um fabricante “comprova” – com fatos, algarismos e o auxílio de um departamento de “pesquisa” – que o seu “sabonete é o melhor do mundo” (ARENDR, 2016, p. 394).

Os movimentos totalitários aproveitaram-se das técnicas publicitárias, importadas de grandes empresas norte-americanas, não para a venda de sabonetes, mas para disseminar uma ideologia de superioridade racial. O totalitarismo se formou por verdadeiras milícias ideológicas, que atuavam politicamente para espalhar toda e qualquer forma de mentira na sociedade de massas. Conforme Arendt (2016, p. 394): “os nazistas aprenderam tanto com as organizações dos gângsteres americanos quanto a sua

propaganda aprendeu com a publicidade comercial americana”. Esse tipo de publicidade encontra aporte em uma sociedade de massas. Segundo Aguiar (2007, p. 9),

[...] a publicidade lida com os homens, isto é, ela segue o princípio da manipulabilidade dos homens colocado em voga pela psicologia behaviorista na primeira metade do século XX. A publicidade não enseja formar uma opinião, mas provocar um comportamento, gerar uma atuação. Para aumentar a venda de qualquer produto, todos os recursos são mobilizados: a autoridade da ciência, a notoriedade dos consumidores, a beleza dos objetos etc.

A sociedade de massa surgiu a partir da Revolução Industrial, período em que se estabeleceu o processo de urbanização, da coletivização do trabalho, saúde, educação e cultura. Os ideólogos da propaganda na sociedade de massa possuem como objeto o consumo, a face mais palpável desse tipo de sociedade. Por meio desse tipo de artimanha publicitária que a ideia de quanto mais o indivíduo consome mais se torna possível a realização da felicidade e do sucesso. O consumo passou a ser a base das sociedades contemporâneas, desempenhando uma importância não só para a economia, mas também para a política (AGUIAR, 2007, p. 9).

No entanto, a propaganda nos regimes totalitários não tinha quaisquer fins comerciais, não operava a favor de algum “capital” ou da venda de sabonetes. A propaganda totalitária era um instrumento de domínio do passado, do presente e do futuro que invadiu o espaço político. O produto da propaganda totalitária é uma ideologia disseminada como “verdadeira”. Segundo Arendt (2016, p. 398): “os líderes da massa, uma vez no poder, cuidam de algo que está acima de quaisquer considerações utilitárias: fazer com que as suas predições se tornem verdadeiras”. A publicidade totalitária destrói a convivência entre os seres humanos, não resta qualquer elemento para a constituição de um palco político de decisões. Tudo já está previamente deliberado sem margem para qualquer ação livre. A propaganda constituída pela mentira organizada passa a dominar diretamente todos os modos de conceber as relações cotidianas.

No romance 1984, Orwell mostra que o uso da propaganda na política representa um perigo para a liberdade. Há semelhança da descrição da propaganda na Oceânia, um estado com matizes totalitários, com a propaganda totalitária do regime nazista e fascista sob análise de Arendt. Em Orwell, a propaganda oficial do partido aparece veiculada de três formas: na imagem onipresente do Grande Irmão espalhada em cartazes por todos os cantos da Oceânia; nos discursos dos membros do partido e na voz do Grande Irmão e

nos constantes anúncios das notícias na teletela. Orwell expõe a manipulação e a supressão da verdade pela organização da mentira deslavada produzida em propagandas no Ministério da Verdade, onde os próprios funcionários do Estado, trabalhadores e toda a opinião pública se tornavam alvos da reescrita dos acontecimentos e da história, criando-se uma amnésia oficial. Orwell (2009, p. 46) expõe como se dava a organização da mentira:

Se bem que, pensou ele ao reajustar os números do Ministério da Pujança, aquilo nem falsificação era. Tratava-se apenas de substituir um absurdo por outro. Quase todo o material com que lidavam ali era desprovido da mais ínfima ligação com o mundo real — faltava até o tipo de ligação contido numa mentira deslavada. As versões originais das estatísticas não eram menos fantasiosas que suas versões retificadas.

A produção da mentira mais deslavada possível no Ministério da Verdade se assemelha a mentira organizada, a mentira em massa, analisada por Arendt, um tipo de mentira na modernidade que se ajusta na deliberada manipulação política. Segundo Arendt (2016, p.390): “não apenas a propaganda política, mas toda a moderna publicidade de massa contém um elemento de coerção”, nessa perspectiva a coerção, uma característica da propaganda, mesmo sendo uma forma de violência física, segue o princípio da manipulabilidade dos seres humanos. A propaganda, nesse contexto, da manipulação utiliza-se de qualquer instância capaz de induzir o comportamento, como, por exemplo, os argumentos religiosos, científicos, os preconceitos sociais e, muito frequentemente, a mentira.

A propaganda totalitária dissemina o controle ideológico, como um instrumento da mentira organizada, em cartazes, rádio, cinema, nos materiais escolares e documentos oficiais. Arendt (2011, p. 312) explica que: “a mentira organizada tende sempre a destruir aquilo que ela decidiu negar, embora somente os governos totalitários tenham adotado conscientemente a mentira como o primeiro passo para o assassinato”. O estado beligerante totalitário expurgaria, em campos de concentração, todos os inimigos, políticos, estrangeiros, etnias e culturas diferentes da mesma maneira que se produziria sabonetes. A propaganda é um dos elementos da produção organizada da mentira, segundo Arendt (2016, p. 432):

A propaganda de massa descobriu que o seu público estava sempre disposto a acreditar no pior, por mais absurdo que fosse, sem objetar contra o fato de ser enganado, uma vez que achava que toda afirmação, afinal de contas, não passava de mentira. Os líderes totalitários basearam a sua propaganda no pressuposto psicológico correto de que, em tais condições, era possível fazer com que as pessoas acreditassem nas mais fantásticas afirmações em determinado dia, na certeza de que, se recebessem no dia seguinte a prova irrefutável da sua inverdade, apelariam para o cinismo, em lugar de abandonarem os líderes que lhes haviam mentido, diriam que sempre souberam que a afirmação era falsa, e admirariam os líderes pela grande esperteza tática.

Esse modo de propagar em massa a mentira, nos regimes totalitários, conduziria a os seres humanos à barbárie e ao terror. Atualmente, alguns discursos na política flertam com elementos da propaganda em massa e com a conexão promovida por uma ideologia totalitária pelo ódio às minorias, o apreço pelas armas e a destruição da história e da memória de um mundo comum. Hoje nas “teletelas” dos smartphones as *fake news* e os discursos políticos hegemônicos geram e incitam outro tipo de violência: a violência da desigualdade e da exclusão política e social, a violência da eliminação de direitos fundamentais e sociais como saúde e educação, trabalhista e moradia antes garantidos pelo poder público, agora em proveito dos setores e interesses privados.

Em um mundo sem utopia, sem esperança, sem futuro, em que o passado corre o risco de ser anulado e onde todos os registros produzidos contam a mesma história. A mentira ao se tornar história pode vir a se converter em “verdade” (ORWELL, 2009). E a tecnologia surge como um instrumento que favorece a proliferação da mentira organizada. Na Oceânia de Orwell, a tecnologia estava a serviço da mentira com aparelhos, as “teletelas”, que nunca desligavam e simultaneamente funcionavam como câmera de vigilância sobre as ações dos indivíduos no privado e, também, na transmissão das notícias e propagandas produzidas pelo Estado. Orwell (2009, p. 78) escreve,

Noite e dia as teletelas massacravam os ouvidos das pessoas com estatísticas que provavam que hoje a população tinha mais comida, mais roupa, melhores casas, melhores opções de lazer — que vivia mais, trabalhava menos, era mais alta, mais saudável, mais forte, mais feliz, mais inteligente, mais culta do que as pessoas de cinquenta anos antes. Não havia como provar ou deixar de provar uma só dessas afirmações.

Atualmente, a sedução de uma suposta felicidade, o controle e vigilância das massas por intermédio da tecnologia e das mídias se tornou mais rápido com

smartphones, não tão diferente das “teletelas”, pois qualquer pessoa pode ver e ser vista. Os dados de acesso, compartilhamento, compras e desejos estão disponíveis na nuvem da internet seja a serviço do poder político do Estado, seja ao poder econômico de empresas. A produção e a disseminação de *fake news*, em dispositivos móveis, vem se constituindo como um exemplo nos dias atuais na manipulação dos fatos e sobre a realidade. Aos moldes das propagandas ideológicas, um elemento constituinte dos movimentos totalitários, as *fake news* também adentraram o espaço público minando o campo de atuação política. No seio das modernas democracias no mundo, principalmente, em períodos eletivos, as *fake news* convergem em uma direção semelhante às propagandas ideológicas totalitárias como instrumentos da mentira organizada na política.

A propaganda totalitária se constituiu como um caminho para disseminação da ideologia que alardeava que a humanidade tinha como um destino um processo natural em que uma raça superior seria capaz de suplantar a história e dominar o mundo. Para tanto, a ideologia substituía a realidade pela ficção que deliberadamente falseava os fatos; apagava a história, as experiências e qualquer possibilidade de narrar às futuras gerações. Segundo Arendt (2016, p. 523),

A propaganda do movimento totalitário serve também para libertar o pensamento da experiência e da realidade; procura sempre injetar um significado secreto em cada evento público tangível a farejar intenções secretas atrás de cada ato político público. Quando chegam ao poder, os movimentos passam a alterar a realidade segundo as suas afirmações ideológicas. O conceito de inimidade é substituído pelo conceito de conspiração, e isso produz uma mentalidade na qual já não se experimenta e se compreende a realidade em seus próprios termos – a verdadeira inimidade ou a verdadeira amizade – mas automaticamente se presume que ela significa outra coisa.

Na perspectiva de Arendt, conforme Aguiar (2007), a ideologia é o reino da ficção, do controle e da alteração da realidade, da destruição do espaço público, onde nada mais é fruto das experiências vividas e compartilhadas espontaneamente. Por meio da ideologia é possível o controle do real a partir da mentira organizada.

Diante da imprevisibilidade da história e da ação humana, a ideologia totalitária, segundo Arendt (2016, p.523), prometia “esclarecer todos os acontecimentos históricos — a explanação total do passado, o conhecimento total do presente e previsão segura do

futuro”. A ideologia atua como máquina lógica para produzir desconexão com a realidade, com os fatos na história, com os acontecimentos do presente e com qualquer esperança do novo. Trata-se de um perigo de propagar mentiras às futuras gerações, crianças e os jovens, que se tornam as primeiras vítimas. Segundo Arendt (2016, p. 521):

Uma ideologia é bem literalmente o que seu nome indica: é a lógica de uma ideia. O seu objeto de estudo é a história, à qual a “ideia” é aplicada; o resultado dessa aplicação não é um conjunto de postulados acerca de algo que é, mas a revelação de um processo que está em constante mudança. A ideologia trata o curso dos acontecimentos como se seguisse a mesma “lei” adotada na exposição lógica da sua “ideia”. As ideologias pretendem conhecer os mistérios de todo o processo histórico – os segredos do passado, as complexidades do presente, as incertezas do futuro – em virtude da lógica inerente de suas respectivas ideias.

Não é à toa que a ideologia, que marca o uso reiterado da mentira, de determinados grupos que ocupam espaços de poder produzem um revisionismo da história; sequiosos de aniquilar testemunhos e narrativas, para que a mentira destrua a realidade e a verdade fatural para colocar em seu lugar um mundo fictício. A ideologia totalitária quando se instala nas mentes não tenta convencer as massas sobre a verdade dos fatos, não mais importa se os fatos são inventados, pois tudo está ajustado à lógica de um sistema do qual a mentira faz parte. A tendência perpetrada por uma lógica totalitária pretende adequar o passado, a presente e o futuro a uma ideia. Ela aniquila as diversas experiências pessoais e coletivas de uma geração passada, potencialmente narradas às próximas gerações, e destrói a temporalidade em que as gerações compartilham um mundo comum.

A ideologia desconecta as pessoas da realidade e rompe os laços de pertencimento a um mundo diversamente constituído por histórias, experiências e ideias. Diante desse processo totalitário rompe-se o limite da realidade e da ficção, da verdade factual e da mentira. Arendt (2011, p. 317) observa,

Em outras palavras, o resultado de uma substituição coerente e total da verdade dos fatos por mentiras não é passarem estas a ser aceitas como verdade, e a verdade ser difamada como mentira, porém um processo de destruição do sentido mediante o qual nos orientamos no mundo real – incluindo-se entre os meios mentais para esse fim a categoria de oposição entre verdade e falsidade.

A mentira organizada quando estruturada ao redor de uma ideologia é capaz de retirar o chão dos pés das pessoas, um solo comum rico em histórias. A responsabilidade de narrar o passado e trazer à tona fatos e experiências transmitidos às futuras gerações sofre ataques de toda ordem quando o poder totalitário se instala. Diante desse cenário de controle ideológico parece não haver mais qualquer forma de resistência contra a mentira organizada que domina uma massa de seres humanos.

2. A MENTIRA ORGANIZADA

Arendt (2011, p. 283) lembra que a sinceridade nunca foi uma virtude dos políticos, por mais que se tente justificar a mentira como uma ferramenta necessária ao exercício do político ou do demagogo, a mentira quando adentra e domina a esfera pública torna-se uma arma eficiente contra a verdade. Nessa condição, a mentira na política pode ser usada de maneira organizada com o objetivo de desestabilizar a verdade dos fatos, a história de um mundo comum e até mesmo a vida dos indivíduos. A mentira quando estatuída na política gera sérios riscos aos fatos e ao mundo comum. Segundo André Duarte (2000, p. 185):

O problema da mentira na política torna-se grave e urgente, quando ela deixa de ser tópica a passa a abranger todo um contexto em que os fatos contingentes tornam-se significativos, bem como quando ela passa a redefinir os contornos do presente e do passado por meio da reescritura da história. Nessas circunstâncias, a mentira [...] é a arte de destruir toda evidência que a contradiga, destruindo, assim, o próprio tecido do espaço público ao apagar completamente as fronteiras entre fato e ficção.

Diante dos acontecimentos da modernidade, o perigo da mentira organizada na política foi um traço marcante analisado por Arendt. No entanto, para Arendt (2016, p. 512): “os verdadeiros transe do nosso tempo somente venham a assumir a sua feição autêntica – embora não necessariamente a mais cruel – quando o totalitarismo pertencer ao passado”. Arendt parece chamar à atenção que mesmo com princípios fundamentais como a liberdade na vida dos modernos regimes democráticos, a liberdade pode sofrer com os resquícios totalitários das técnicas de propaganda de massa, enquanto uma forma de comunicação da mentira organizada na política. A mentira organizada é uma herança maldita totalitária que pode correr o risco de se alastrar como verdadeiro transe

semelhante às ideologias criando condições para o desaparecimento do próprio espaço político. Segundo Pereira (2017, p. 93),

A instrumentalização moderna da mentira na política atenta inclusive contra a realidade; ela implica uma forma de tornar “verdade” uma mentira, uma falsidade. O risco está no apagamento da linha demarcatória entre ficção e realidade. É por essa razão que a instrumentalização da mentira, como mentira organizada, mira a possibilidade de apagar fatos testemunhados e conhecidos. A intenção de ser uma mentira geral, de massa, toca justamente no aparato que é o garantidor da realidade, o aparecer relacional dos fatos.

Ainda assim no espaço político democrático, em que há pluralidade da interação entre os sujeitos, a mentira pode surgir e sustentar a simulação da realidade, desempenhando a vil forma estratégica em organizar-se para convencer a opinião pública. Arendt (2015) no artigo “A mentira na política” analisou os documentos do Pentágono, departamento de defesa dos EUA, que validaram a guerra do Vietnã. Os documentos, na visão de Arendt, não apenas demonstraram que a realidade foi simplesmente ignorada e manipulada, mas também ocorreu o menosprezo dos fatos históricos, políticos e geográficos. Para Arendt (2015, p. 15): “A veracidade nunca esteve entre as virtudes políticas, e mentiras sempre foram encaradas como instrumentos justificáveis nestes assuntos”. É nesse teatro de mentiras que surge a figura do mentiroso, que deliberadamente distorce a realidade para se locupletar com sua própria torpeza, segundo Arendt (2015, p.16):

A mentira não entra em conflito com a razão, pois as coisas poderiam perfeitamente ser como o mentiroso diz que são. Mentiras são frequentemente muito mais plausíveis, mais clamantes à razão do que a realidade, uma vez que o mentiroso tem a grande vantagem de saber de antemão o que a plateia deseja ou espera ouvir.

Quando o mentiroso ou os mentirosos contumazes detém o poder a mentira organiza-se num arcabouço sistemático de técnicas de propaganda em massa para abolir e entorpecer a capacidade da opinião pública de pensar criticamente sobre a realidade. O mentiroso, de modo ordenado prepara a sua história com um enredo cheio de pantomimas e discursos falaciosos, explorando a razão e a emoção para o clamor de sua plateia. Acerca da figura do mentiroso, Arendt (2011, p. 309) escreve:

Ele é um ator por natureza; ele diz o que não é por desejar que as coisas sejam diferentes daquilo que são — isto é, ele quer transformar o mundo. Ele tira partido da inegável afinidade da nossa capacidade de ação, de transformar a realidade, com a misteriosa faculdade que nos capacita a dizer o sol brilha quando chove a cântaros.

A credibilidade de suas falsidades deliberadas, quando atestada por uma plateia sequiosa pela mentira, faz do próprio mentiroso vítima do seu engodo, pois “quanto mais bem-sucedido seja o mentiroso, mais provável é que acabe por acreditar em suas próprias mentiras” (ARENDR, 2015, p.38). Nesse contexto em que o totalitarismo ganha lugar, a opinião que faz parte do dissenso e da construção perene da democracia, assim como a verdade dos fatos, sai de cena para um mundo de mentiras.

O mentiroso torna-se “um homem de ação” (ARENDR, 2011, p. 309), que conhece previamente o seu público, disseminando deliberadamente a falsidade com objetivo de adequar o mundo a sua semelhança, ao seu modo pessoal de ver o mundo, desconsiderando outras perspectivas e, até mesmo, destruindo o mundo comum. O mentiroso cria uma ficção para sobrepujar a realidade. Aproveitando-se de um espaço político, que possibilita a ação e a liberdade, o mentiroso começa a agir para “transformar” o mundo, sua ação parece ter um único fim, que é substituir a realidade por um mundo fictício. Com o uso de estratégias e instrumentos para a mentira organizada, o mentiroso desperta o medo, manipula os desejos e comportamentos e estimula o preconceito entre as pessoas.

A verdade fatural e histórica quando ameaçada pelo oportunismo político do mentiroso precisa continuamente ser defendida com o máximo de questionamentos e debates públicos. Posto que, segundo Arendt (2011, p. 310): “[...] quando uma comunidade adere ao mentir organizado por princípio, e não apenas em relação a particularidades, a veracidade como tal, sem o apoio das forças distorcivas do poderio e do interesse, se torna fator político de primeira ordem”. Dessa maneira, quando mentiroso opera a falsidade deliberada no mundo, onde mentem e o fazem por princípio, aqueles sujeitos que pesquisam, analisam e apresentam a verdade dos fatos começam a agir. Segundo Arendt (2011, p. 311):

Onde todos mentem acerca de tudo que é importante aquele que conta a verdade começou a agir; quer o saiba ou não, ele se

comprometeu também com os negócios políticos, pois, na improvável eventualidade de que sobreviva, terá dado o primeiro passo para a transformação do mundo.

O mentiroso nunca está sozinho e conta com uma rede de mentiras que se organiza e entre seus pares para adentrar o domínio público. Arendt identificou e analisou a mentira não apenas nos regimes totalitários, como também na democracia que pode vir a ser suscetível à mentira organizada, como, por exemplo, os documentos do Pentágono que demonstram como é possível o Estado controlar e vigiar todos os cidadãos e manipular a realidade e a verdade dos fatos em favor da guerra contra o Vietnã.

Atualmente, a tecnologia e os meios de comunicação de massa, as “teletelas” do mundo real, vêm possibilitando que a rede de mentiras opere um controle ainda mais eficaz na vida cotidiana das pessoas nos Estados democráticos. Os casos como, por exemplo, do *WikiLeaks*, que revelou, em 2010, os detalhes de documentos secretos dos Estados Unidos para as guerras no Afeganistão e Iraque; o caso Edward Snowden, em 2013, que levou a público o programa de vigilância maciça, organizado das agências norte-americanas, em escala mundial. Tais acontecimentos evidenciaram a vigilância e o controle em massa sobre vida das pessoas por meio do uso da tecnologia digital.

Quando a falsidade deliberada se espalha e se organiza com o artifício e a velocidade da tecnologia não apenas se fragiliza a multiplicidade de ideias ou o limite entre a verdade e a mentira, mas também os modos singulares de ser na realização da sociedade democrática cada vez mais plural. Conforme Arendt (2015, p. 17): “Verdade ou falsidade – já não importa mais o que seja, se sua vida depende de você agir como se acreditasse; a verdade digna de confiança desapareceu por completo da vida pública, e com ela o principal fator de estabilização nos cambiantes assuntos dos homens”.

A mentira organizada não admite qualquer diferença, diversidade e novidade no mundo, pondo fim à ação plural, eliminando qualquer possibilidade de realização da política, que se revela na novidade, por atos e palavras, de cada pessoa no espaço compartilhado. Contrapor-se a um mundo obliterado pelas mentiras é um dever de todos, principalmente de figuras nem sempre consideradas políticas, como o historiador, os professores e as professoras, os poetas e os cientistas, que em tempos sombrios de disseminação da mentira organizada ganham ainda mais relevância como atores políticos.

Esses atores resistem politicamente não apenas ao comunicar à opinião pública a verdade fatural e racional, mas também por narrarem atos e o feitos humanos no mundo

comum em estórias. Os poetas e os escritores ao narrarem estórias, e as professoras e os professores ao contarem essas estórias aos novos, possibilitam a transmissão de um sentido humanamente compreensível sobre os acontecimentos que compõe esse mundo comum, compartilhado entre as diversas gerações.

3. EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA

Na educação, as crianças e os jovens são acolhidos em um mundo mais antigo e ainda muito estranho para elas. As professoras e os professores nas escolas apresentam um legado histórico e cultural aos novos, possibilitando que eles, aos poucos, possam se “sentir em casa no mundo” (ARENDR, 2006, p. 39), isto é, pertencentes a uma história comum. A educação cuida da durabilidade do mundo comum constituído por um legado material e simbólico humano. De acordo com Carvalho (2017, p. 66): “Só num mundo dotado de durabilidade pública — um mundo que acolhe em seu seio os novos, que os transforma em herdeiros autorizados de seu passado e agentes responsáveis por seu futuro — é possível instituir o novo”. Esse legado histórico criado é composto por gerações passadas compõe a cultura, as imagens e as palavras na literatura e nas obras de arte, no testemunho da ação humana no espaço público, na produção de conhecimento, saberes e práticas.

Percebe-se, assim, que a educação incide em uma dupla responsabilidade da geração mais velha em preservar o mundo comum e em introduzir as crianças e os jovens nessa herança histórica. Os mais velhos devem cuidar do mundo, repleto de estórias, para que os novos, que chegam a cada instante, possam revelar a sua singularidade. A educação lida com o que há de mais frágil no mundo comum não só com a verdade factual como também com uma diversidade de estórias, fragmentos, testemunhos, experiências e conhecimentos do passado. Não apenas a fragilidade da verdade dos fatos alcança um espaço compartilhado, mas tudo que diz respeito ao passado pode sofrer diante do insidioso assédio do poder, que com o uso deliberado da mentira invade a educação, visto que a escola tem o dever de manter sempre a responsabilidade em apresentar aos novos o mundo comum. Para Arendt (2011, p. 287),

As possibilidades de que a verdade factual sobreviva ao assédio do poder são de fato por demais escassas; aquela está sempre sob o perigo de ser ardilosamente eliminada do mundo, não por um período apenas, mas, potencialmente, para sempre. Fatos e eventos são

entidades infinitamente mais frágeis que axiomas, descobertas e teorias—ainda que os mais desvairadamente especulativos— produzidos pelo cérebro humano; ocorrem no campo das ocupações dos homens, em sempiterna mudança em cujo fluxo não há nada mais permanente do que a permanência, reconhecidamente relativa, da estrutura da mente humana. Uma vez perdidos, nenhum esforço racional os trará jamais de volta.

A verdade dos fatos não está segura nas mãos do poder (ARENDDT, 2011, p. 319) quando a mentira se insere na política. Conforme Duarte (2000, p.185): “é preciso impedir que a mentira e a manipulação possam converter-se nos elementos centrais do discurso político, de sorte que a luz do espaço público deixe de revelar novas perspectivas do mundo e passe a escondê-las e destruí-las”. A educação também é ameaçada pela mentira não apenas no que diz respeito à verdade dos fatos, mas toda a dimensão temporal de testemunhos sobre as ações e as palavras do mundo comum, narrados e transmitidos às próximas gerações.

Assim, quando a mentira ultrapassa o campo da política para adentrar outros espaços compartilhados como a escola cresce o perigo de perder essa herança cultural e histórica comum transmitida por gerações. Na perspectiva arendtiana, a educação não é o lugar para o exercício da política, das decisões sobre os negócios humanos, muito menos as escolas são laboratórios de ensaio sobre como os estudantes devem se comportar como futuros cidadãos. A escola não é o espaço do político por excelência, mas possui uma dimensão pré-política (ARENDDT, 2011, p. 240). Isto não significa dizer que a escola seja uma preparação *stricto sensu* para o mundo público. A escola exerce sua função na formação humana, na medida em que as crianças e os jovens podem compreender e pensar sobre as experiências comuns. Quando adultos, adentram em igualdade de condições o mundo público, pelo exercício da cidadania.

Arendt (2011, p. 319) observou que diante da mentira organizada na dimensão do espaço público e político onde todos mentem aquele que fala a verdade começa a agir. Na educação, o simples ato de falar a verdade dos fatos não é suficiente, pois as crianças e os jovens não estão em um ambiente dos adultos, da emissão de opiniões e de decisão sobre os negócios humanos. Diferente da política, a educação cria condições de possibilidade para que as ações humanas adquiram um sentido humanamente compreensível por meio de histórias. As histórias são as narrativas que preservam a herança histórico e cultural das ações, da existência e da vida de gerações ancestrais. Na educação, professoras e professores ao narrarem as histórias do mundo comum às

crianças estabelecem laços de pertencimento à história. As narrativas trazem ao aluno o testemunho de gerações ancestrais, a novidade que cada novo ser humano e cada geração trouxe ao mundo.

A educação mesmo não sendo uma categoria de ordem política, ao narrar os fatos, os testemunhos, as experiências e o conhecimento de gerações passadas começa a atuar politicamente contra a ordem estabelecida pela mentira. Quando a mentira se instala, regatar os fragmentos das histórias do mundo comum implica um ato de resistência também na educação, pois a educação tem como propósito a apresentação de um legado cultural caracterizado pela diversidade às futuras gerações. Resistir à mentira organizada que busca controlar a realidade e tudo o que diz respeito ao passado, é uma tarefa da educação. Os espaços escolares não podem abrir mão nem da tradição, como uma forma de se relacionar com o passado; nem da autoridade, que reside nas experiências fundantes na história do mundo comum. Arendt (2011, p. 245),

O problema da educação no mundo moderno está no fato de, por sua natureza, não poder esta abrir mão nem da autoridade, nem da tradição, e ser obrigada, apesar disso, a caminhar em um mundo que não é estruturado nem pela autoridade nem tampouco mantido coeso pela tradição.

A tradição aproxima no tempo gerações mais antigas com as atuais, nomeando, selecionando e transmitindo as histórias, uma expressão da promessa de renovação do mundo comum pelas mãos das futuras gerações. Segundo Arendt (2011), a tradição teve seus fios cortados no período moderno, que culminou com o terror da mentira, da ideologia, da guerra e do genocídio organizado pelos regimes totalitários. A mentira organizada traz em si o germe do totalitarismo na destruição da ação, da liberdade e da pluralidade humana no mundo. A mentira organizada põe fim a apreensão da realidade que depende de compartilhamento do mundo com nossos semelhantes (ARENDR, 2011, p.314). A mentira com resquícios totalitários roda o presente, com a finalidade de apagar a história e a memória, as conquistas e as lutas coletivas de diversos segmentos da humanidade.

Mesmo com o fim dos regimes totalitários, a perda da tradição envolve a relação humana face a tudo o que era conservado pela autoridade, ou seja, o respeito ao passado, pois não se pode recorrer a experiências comuns a todos. No entanto, mesmo diante da fragmentação do mundo comum, a educação não pode abrir mão de pensar

tradição e a autoridade. Essas duas concepções vitais à educação tornam-se muito caras diante a ocupação do espaço comum pela mentira organizada. Constituindo-se uma difícil tarefa às educadoras e aos educadores na busca dos fragmentos, do testemunho e das estórias que possa estabelecer uma mediação entre o passado e o futuro.

Uma difícil tarefa para os atores educacionais contra a mentira que tem a capacidade de apagar os fatos, testemunhos, narrativas e a própria realidade. Assim como a verdade, a educação, para Arendt, não compõe os embates do domínio da política, que são resguardados ao terreno das opiniões. Nem a verdade, nem a educação são da ordem do político. Porém, como o mundo comum depende da responsabilidade das educadoras e dos educadores, do ato de narrar as diversas estórias, de apresentar aos novos as experiências, os fatos, as ações e as palavras de gerações antepassadas, a educação politiza-se. Nessa perspectiva aqueles que educam relacionam-se com aqueles que no âmbito da política assumem o risco de dizer a verdade, isto é, os educadores e as educadoras começam a agir e a educação torna-se um ato político.

Assim é possível compreender que a educação é um campo de resistência à mentira. A educação lida também com a verdade dos fatos, mas principalmente na medida em que essa verdade é parte das narrativas, das estórias, das obras de arte que compõe o mundo comum. Arendt aposta na relação da educação com a política. Assim como a política, a educação cuida do mundo – isso não significa que educação e política sejam a mesma coisa. Diante dessa perspectiva arendtiana, em caso excepcional, a educação pode vir a assumir um caráter político enquanto resistência à mentira organizada. Não há possibilidade de uma educação construída em mentiras, a mentira é a expulsão dos novos do mundo comum. Os regimes totalitários não só tentaram destruir a política, a liberdade e a ação, mas também a educação uma das primeiras instituições sob o ataque da mentira em massa. Arendt apostou na natalidade, essência da educação, na singular novidade dos novos no mundo, na verdade dos fatos, nas estórias, na história, na memória e na imaginação, importantes elementos na educação como resistência contra a tentativa de a mentira organizada.

O diálogo com o passado é determinante para pensar o mundo comum. Assegurar a realidade, a fidelidade aos fatos e a transmissibilidade das estórias contra a modificação ou apagamento dos registros e dos testemunhos dos eventos, torna-se uma condição política fundamental para a educação em oposição a todas as formas de manipulação.

Se a educação lida com a fragilidade dos fatos e das narrativas transmitidas de

geração a geração, resistir politicamente consiste em dar vida para aqueles que já se foram e constituíram esse mundo comum. Narrar é trazer ao presente as vozes do passado, dando força aos seus testemunhos dos fatos, das experiências e da construção do conhecimento erigidos pelos antepassados. Falar a verdade fatural e narrar o mundo comum constituem um liame fundamental na construção da vida política e do cuidado com a herança histórico cultural, deixada por aqueles que se foram. A importância do ato de lembrar para assegurar a verdade dos fatos e a realidade pelos testemunhos como parte do mundo compartilhado, segundo Arendt (2015, p.16),

[A verdade fatural] está sempre correndo o risco de ser perfurada por uma única mentira ou despedaçada pela mentira organizada de grupos, países ou classes, ou negada e distorcida, muitas vezes cuidadosamente acobertada por calhamaços de mentiras, ou simplesmente autorizada a cair no esquecimento. Fatos necessitam de testemunhos para serem lembrados, e de testemunhas confiáveis para serem oficializados, de modo a encontrar um lugar seguro para habitar o domínio dos interesses humanos.

O testemunho e o ato de lembrar os atos e as palavras do passado afirmam uma forma de resistência política à mentira. Arendt parece ter expressado esse pensamento nos riscos da perda do mundo comum e da impossibilidade de deliberar e compartilhar a vida no espaço público. Alargando esse modo de pensar arendtiano, a educação também depende da lembrança e da memória dos testemunhos das gerações passadas, sem as quais não há um solo comum para que os novos possam ser recebidos e criar um sentimento de pertencimento e vínculos com o legado histórico. Dessa maneira, a educação é um fenômeno humano fundamental para a resistência à mentira, que falseia a realidade e intenta o apagamento da história.

CONCLUSÃO

Após sobreviver aos tempos sombrios, Hannah Arendt tentou compreender como foi possível seres humanos cometerem tantas atrocidades contra outros seres humanos, a partir de um projeto de poder baseado na violência e no ódio. Arendt, uma testemunha daqueles fatos históricos, narrou os perigos da perda do sentimento de pertencimento ao mundo comum e da capacidade de compreensão da história e da realidade do poder totalitário.

A mentira, a propaganda e a ideologia em massa constituíram-se como elementos dos regimes totalitários. As técnicas de propaganda baseadas na falsidade deliberada e na fidelidade cega não só a um líder, mas a uma ideia única, configuraram a eclosão do poder totalitário através da mentira organizada. Essa fabricação de informações fraudulentas em massa nos regimes totalitários caracterizou uma tentativa de apagar o passado e destruir o espaço público.

A narrativa de Arendt constitui-se enquanto um legado transmitido às próximas gerações que alerta para o real perigo da mentira organizada. A produção de informações fraudulentas sobre a realidade e sobre o mundo comum ainda espreita a política mesmo após o fim dos regimes totalitários. Mesmo no momento histórico de afirmação das instituições democráticas, a importância da opinião na política, a distinção entre a mentira e a verdade factual, entre a realidade e a ficção podem ser ameaçadas pela mentira organizada. O espaço democrático preceitua a pluralidade de ideias, o respeito à singularidade de cada pessoa e estimula a preservação da diversidade no mundo comum, fundamentos que precisam continuamente ser ensinados às novas gerações.

No tempo recente, as democracias no mundo enfrentam o fenômeno das *fake news* que transformou as técnicas da propaganda de massa na política e a desenfreada disseminação da mentira. As *fake news* atuam politicamente como instrumentos eficazes da mentira organizada produzida por pessoas com interesses políticos, afetando todas as áreas da vida em comum, como também a educação.

A educação, segundo Arendt (2011), introduz as crianças e os jovens no mundo comum e estabelece um sentimento de pertencimento a um legado de experiências e da ação realizadas por gerações passadas. Na educação, a durabilidade do mundo é assegurada na transmissão do testemunho, dos fatos e do passado narrado em histórias entre as diversas gerações.

As *fake news* enfraquecem o espaço público de debate sobre os negócios humanos e assediam a verdade dos fatos e as narrativas históricas. Enquanto instrumento da mentira organizada as *fake news* são manipulação intencional dos acontecimentos provocando o esfacelamento sobre a compreensão da realidade.

A educação traz um olhar para o passado, para as lições e as experiências de gerações anteriores que construíram a história e a cultura. Ao lidar com os testemunhos do passado frágeis diante da mentira organizada a educação torna-se um dos principais alvos dos discursos intencionalmente fabricados e disseminados pelas *fake news*.

Com a tentativa de desarticular a educação pela mentira, professores, professoras, jovens estudantes e parte da sociedade lutam para garantir um direito de conhecer e pertencer ao abrigo do mundo comum. Assim como aquele que enfrenta os perigos para dizer a verdade dos fatos no espaço público em tempos sombrios da mentira organizada, a educação também é um exercício da coragem não só em apresentar a verdade dos fatos, mas em transmitir aos mais novos um legado plural de estórias criados por gerações passadas.

Para que algo não seja invariavelmente quebrado e esquecido sem que sequer seja nomeado pelo efeito traiçoeiro da mentira organizada, a educação pode vir a ser um baluarte de resistência. A educação tem um compromisso e cuidado com o mundo comum na transmissão do passado revelando às crianças os fatos históricos, a cultura, a arte e a ciência. Por meio dessa responsabilidade as professoras e os professores ao apresentar o testemunho de um mundo pensado, imaginado e criado por gerações passadas resistem aos riscos da mentira organizada sobre a realidade. Portanto, os atores da educação, em tempos de *fake news*, têm a responsabilidade de agir e a resistir contra o cenário perfidamente produzido por qualquer instrumento insidioso da mentira.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, O. A. Veracidade e propaganda em Hannah Arendt. **Cadernos de Ética e Filosofia política**, vol. N. 10, nº 1, p. 7 -17, 2007.
- ARENDT, H. **A condição humana**. 13^a ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ARENDT, H. **A Dignidade na política**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2006.
- ARENDT, H. **Origens do totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ARENDT, H. **Crises da República**. 2^a ed. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2015.
- CARVALHO, J. S. F. **Educação, uma herança sem testamento**: diálogos com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- DUARTE, A. **O pensamento à sombra da ruptura**: política e filosofia em Hannah Arendt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PEREIRA, G. A. E. **O problema da verdade na obra de Hannah Arendt** . Tese (Doutorado). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2017.

ABSTRACT

This article traces a possible repercussion of the conceptions of ideology and propaganda about education from the thought of Hannah Arendt. Jewish thinker Arendt witnessed dark times of totalitarian rule in Germany in the mid-twentieth century. The ideology and propaganda of the totalitarian regime aimed at destroying the past, reality and politics. It is based in part on the author's work "Origins of Totalitarianism" (2016) and on George Orwell's novel "1984" to point out that even after totalitarian regimes the risks of manipulating reality and history still lurk contemporary political life. In conclusion, education, from the Arendtian perspective, as the responsibility of introducing children and young people into a cultural and historical heritage of a common world, constitutes a form of resistance to ideology and propaganda of a totalitarian nature.

KEYWORDS

Ideology and propaganda; Education; Hannah Arendt

IDEOLOGY AND PROPAGANDA: EDUCATION AS A RESISTANCE TO ORGANIZED LYING FROM HANNAH ARENDT'S THOUGHT

Carlos Eduardo Gomes Nascimento

Mestre em Educação • Universidade Federal da Bahia

Recebido em 07/03/2020

Aceito em 27/05/2020